

(Des)cobrir-me: impressões Afro-Brasileiras

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9649

Thais Oliveira da Rosa¹

Andreia Machado Oliveira²

Resumo: O presente artigo apresenta os principais conceitos e elementos da pesquisa em poéticas visuais “(Des)cobrir-me: impressões afro-brasileiras” constituída durante o curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. O estudo trata da cultura afro-brasileira apresentada através das fotografias do século XIX, e visa construir uma aproximação a essa cultura por meio da visualidade e dos processos artísticos inseridos na poética. Visando entender de que modo (Des)cubro-me através dos moldes que a poética evoca em mim, este estudo se desenvolveu a partir de experimentações em autorretratos e técnicas expandidas com xilogravura. Tecendo conexões entre processos pessoais e artísticos por meio da busca por (Des)cobrir e ressignificar o olhar sobre si a partir do olhar sobre o outro. Com isso, a pesquisa permite o confronto entre o passado e presente por meio da justaposição de visualidades de fotografias do século XIX e discorre sobre as origens das narrativas afro-brasileiras que contam a história da população negra por outra perspectiva.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Gravura; Cultura Afro-brasileira; Subjetividades.

(Un)covering myself: afro-brazilian impressions

Abstract: This article presents the main concepts and elements of the research in visual poetics "(Un)covering Myself: Afro-Brazilian Impressions," developed during the academic master's program in Visual Arts at the Federal University of Santa Maria. The study addresses Afro-Brazilian

¹ Universidade Federal de Santa Maria. Artista Visual, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria na Linha de Arte e Tecnologia, bolsista PDPG/CAPES. (2020-2022) Mestra em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, bolsista DS/CAPES, Linha de pesquisa Arte e Cultura.(2016-19) Artista Visual - Bacharela em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. Lattes <https://lattes.cnpq.br/6445365282695520> ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0859-9543> E-mail: th.rosa76@gmail.com.

² Artista pesquisadora e docente nas áreas de arte, ciência e tecnologia sobre sistemas interativos e imersivos, inteligência artificial, imagem técnica e processos de colaboração. Pesquisadora com Bolsa Produtividade do CNPq. Pesquisadora Associada da Witwatersrand University/ África do Sul. Realizou pós-doutorado na School of Creative Media na City University of Hong Kong, orientação Prof. Dr. Yuk Hui (2021-2022). Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS - Brasil, na linha de pesquisa Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição, orientação Profa. Dra. Tania Galli, Bolsista CNPq, com estágio doutoral na Université de Montreal/UdM - Canadá, orientação Prof. Dr. Brain Massumi (2010), Mestra em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS (2006) e Graduada em Bacharelado (1994) e Licenciatura em Artes Visuais (1999) pela UFRGS. Atualmente é professora associada do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa em Arte e Tecnologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Idealizadora e coordenadora do LabInter/UFSM (Laboratório Interdisciplinar Interativo - <https://www.ufsm.br/laboratorios/labinter/>) (2011 - atual) e líder do gpc.InterArtec/CNPq (2012 - atual).. Lattes <http://lattes.cnpq.br/7243757837987821> ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8582-4441> E-mail: andreia.oliveira@ufsm.br

culture as portrayed through 19th-century photographs, aiming to build a connection to this culture through visuality and the artistic processes embedded in the poetics. Seeking to understand how I (Un)cover myself through the forms evoked by the poetics within me, this study was developed from experiments in self-portraits and expanded techniques with woodcut. It weaves connections between personal and artistic processes through the quest to (Un)cover and reframe the view of oneself by viewing others. Consequently, the research enables a confrontation between past and present through the juxtaposition of visualities from 19th-century photographs and discusses the origins of Afro-Brazilian narratives that tell the history of the Black population from a different perspective.

Keywords: Contemporary Art; Engraving; Afro-Brazilian Culture; Subjectivities.

(Des)cubrirme: impressões afrobrasileñas

Resumen: El presente artículo presenta los principales conceptos y elementos de la investigación en poéticas visuales “(Des)cubrirme: impressões afrobrasileñas” desarrollada durante el curso de maestría académica del Programa de Posgrado en Artes Visuales de la Universidad Federal de Santa Maria. El estudio trata sobre la cultura afrobrasileña presentada a través de las fotografías del siglo XIX, y tiene como objetivo construir una aproximación a esa cultura por medio de la visualidad y los procesos artísticos integrados en la poética. Con el fin de entender de qué manera me (Des)cubro a través de los moldes que la poética evoca en mí, este estudio se desarrolló a partir de experimentos en autorretratos y técnicas expandidas con xilografía. Tejiendo conexiones entre procesos personales y artísticos mediante la búsqueda de (Des)cubrir y resignificar la mirada sobre sí mismo a partir de la mirada sobre el otro. Así, la investigación permite el enfrentamiento entre el pasado y el presente a través de la yuxtaposición de visualidades de fotografías del siglo XIX y discurre sobre los orígenes de las narrativas afrobrasileñas que cuentan la historia de la población negra desde otra perspectiva.

Palabras clave: Arte Contemporáneo. Grabado; Cultura Afrobrasileña. Subjetividades.

Introdução

A arte me possibilita adquirir ferramentas ou, até mesmo, construí-las por meio dos meus processos artísticos e pesquisas teóricas ao longo dos últimos seis anos, fazendo com que emergja cada vez mais em minhas questões e reflexões mais pessoais. Todo este percurso que me modificou e me atravessa constantemente entre pessoa e artista é resultado da potência que a arte e a abordagem de narrar a si possibilitam. Nesse contexto, minha pesquisa busca entender de que modo encontro-me através dos moldes que a poética evoca em mim por meio dos processos com dispositivos fotográficos e em gravura.

Objetivo construir uma aproximação à cultura afro-brasileira por meio da visualidade e dos processos artísticos que estão inseridos na poética. Minha poética constrói-se no ateliê de gravura, sobre forte influência da xilogravura durante a graduação em artes visuais. Durante esse período, juntamente com o meu desenvolvimento artístico, fui me (des)cobrir não só como artista, mas, especialmente, como pessoa negra.

O (des)cobrimento não se dava apenas nas imagens entalhadas nas matrizes de madeira, mas sobretudo internamente em mim. Inicialmente, trabalhei tradicionalmente a xilogravura, gravura em metal e litogravura, absorvendo as potencialidades de cada uma dessas técnicas e, em específico um detalhe: a cor preta. Nas técnicas de gravura, é comum o uso da cor de tinta preta para as impressões, o que complementa a temática que desenvolvo. As gravuras que iniciam o meu processo usavam como referências fotografias de grupos étnicos do continente africano as quais se potencializam com a cor preta da tinta e a expressividade dos vazios na matriz. Esse processo possibilitou a mim resignificar a cor preta, associando à cor retinta da pele negra.

Trato das produções desenvolvidas em 2020, intituladas de “Ver(se) através, em que dialogo com os conceitos de autoavaliação e de autodeterminação que se conectam aos conceitos da feminista negra norte-americana Patricia Hill Collins, que propoe uma ressignificação do olhar sobre as mulheres negras. Outro ponto que também é discutido neste subcapítulo é a ressignificação de si posterior à ressignificação do olhar sobre o outro. Por fim, discorro sobre o processo criativo das obras, com os elementos que as compõem, abordando as características das técnicas em gravura e as significações poéticas destes desenvolvimentos plásticos.

Abordo a série “Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras, discorrendo sobre a temática inserida na produção que recorre a dispositivos eletrônicos para compor as obras. Debruço-me sobre o conceito de dispositivo em Giorgio Agamben (2005), assim como sobre o termo profanação, trabalhado pelo mesmo autor. Neste ponto, também analiso as justaposições de visualidades presentes nas obras bem como na interação/integração entre obra e espectador através do reflexo da câmera fotográfica.

Ainda, trago o conceito de (des)cobrir, além de contextualizações sobre o uso da cor preta e do ato de cobrir as superfícies das obras, em específico os autorretratos. Discorro sobre a noção de ocultamento da qual se refere as escassas informações, sobretudo ao passado, da cultura e população afro-brasileira. Desenvolvo junto a poética o conceito de “eu em relação” de bell hooks, no qual ela apresenta a ideia de que o ocultamento da história e cultura da população negra a distancia da sua ancestralidade de se conectar ao passado impedindo ou dificultando a construção desse eu em relação que seria uma construção de si a partir da vivencia ou pertencimento a outros no sentido de comunidade e ancestralidade.

Apresento o livro de artista (Des)cobrir (2021) que desenvolve conceitualmente o ato de se descobrir em meio às camadas de tinta e às subjetividades que envolvem esse processo. Também discorro sobre as motivações na escolha de utilizar as imagens do século XIX como referências para a produção das obras de minha poética.

Ressignificações de si

Em minha experiência como pessoa negra, o distanciamento com a cultura afro-brasileira apresentou-se de diversas maneiras: uma delas é pela ausência de conhecimento sobre o passado, sobre a história da população negra no Brasil. Conhecer minhas raízes certamente são maneiras muito positivas de entender o meu presente, de entender o contexto no qual estou inserida social e culturalmente. Por muito tempo em minha vida, tudo o que eu sabia sobre a história e a origem da população afro-brasileira dizia respeito exclusivamente à escravidão. Partindo desse ponto, ter apenas essa noção da historicidade de negros e negras no Brasil é algo que funciona como uma ferramenta para distanciar ainda mais a população de sua própria narrativa. Sendo assim, conhecer artistas afrodiáspóricos e suas obras que expõem outra perspectiva dos fatos históricos relacionados à cultura afro teve um valor inestimável para a minha construção como pessoa e como artista.

Os estudos decoloniais – que têm sua gênese nos estudos pós-coloniais e no grupo dos subalternos construído por pensadores e pensadoras que buscam criar perspectivas a partir do acontecimento da colonização e produzir conhecimento que não equacione com a lógica da modernidade e da colonialidade – são parte importante dentro da minha poética junto à preocupação em elucidar as colonialidades do poder e a criar estratégias autônomas para lidar com a realidade e com os modos de reexistir.

Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade. (BERNARDINO-COSTA, 2019, p. 10).

Isso posto, minha poética tem se constituído através de experiências, de leituras e dos processos artísticos que permeiam a minha pesquisa. Possibilitando, dessa forma, uma reconfiguração da minha visão sobre a minha vivência como pessoa negra, bem como as percepções sobre a cultura e visualidade afro-brasileira. Sobretudo, é estabelecido uma ressignificação sobre a maneira como vejo, entendo e percebo o “outro”, contextualizando esse outro, como alguém que assim como eu é afrodescendente.

Essa ressignificação é possível por intermédio do contato com imagens de pessoas negras e com a inserção dos autorretratos, presentes nas obras destacadas neste subcapítulo, pela própria visualidade na produção e não mais apenas no processo manual, unicamente. Lidar com a sua imagem em meio a essas construções estéticas que não te contemplam, é bem desafiador, contudo, o que mais implica na inserção dos autorretratos é o ato de trabalhar a própria imagem, de se expor de maneira visual, colocando-se não só como artista e propositor, mas como um elemento a ser desenvolvido também.

O processo de construção das obras sempre foi parte importante em todos os deslocamentos anteriores da pesquisa, em específico a aproximação com as visualidades de referenciais afros e de representações que contemplem a si enquanto pessoa negra. A ressignificação do olhar sobre o outro também só foi possível pelo contato próximo com visualidades e com processos artísticos que propunham uma relação muito cuidadosa com a construção das imagens, como nos processos em gravura. Com a gravura em metal e, principalmente, com a xilogravura foi possível criar um vínculo muito subjetivo, através dos processos minuciosos que estão inseridos nas técnicas. O cuidado com os tons de preto e cinza proporcionou ter uma atenção à visualidade retinta das peles, às estampas e à diversidade dos adornos que se apresentavam nas imagens de grupos étnicos do continente africano que eram utilizadas como referenciais inicialmente (Figura 1). Já a xilogravura propunha uma dinâmica em relação aos traços físicos, aos faciais e à maneira como as imagens podiam ser exploradas manualmente por meio da técnica.



Figura 1 Xilogravuras desenvolvidas no período de graduação am artes visuais no atêlier de gravura. Thais Oliveira, 2019.

Nas obras “Ver(se) através” (2020-2021), o processo criativo desenvolve-se com a justaposição de visualidades por meio de características da gravura, especificamente da xilogravura, com o ato de

(des)cobrir as camadas de tinta que foram construídas sobre os autorretratos. O (des)cobrimento das imagens, como um conceito, envolve o amplo significado que a palavra carrega, de tanto descobrir o que se está velado quanto de encontrar algo novo. Nesse sentido, esse processo se desenvolve tanto no campo artístico como no campo pessoal. Inicialmente, desenvolvo a criação dos autorretratos com uma câmera digital fotográfica, faço a impressão dos autorretratos em tamanho 20x25cm. Posteriormente é feito um decalque da imagem que será “entalhada” sobre os autorretratos, desenhando as figuras com lápis sobre o papel vegetal. Com a leve transparência do papel vegetal posso fazer um estudo de como as imagens ficarão justapostas, faço então as marcações e assim posso fazer a transferência com papel carbono.(Figura 2) Logo após essa parte, cubro as fotografias com camadas de tinta preta, deixando a imagem completamente caberta de tinta, não sendo mais possível ver nada do autorretrato. (Figura 3)



Figura 2 Processo de desenvolvimento da série Ver(se) através. Thais Oliveira, 2021.



Figura 2 Processo de desenvolvimento da série Ver(se) através, cobertura com tinta dos autorretratos. Thais Oliveira, 2021.

Após a secagem da tinta é o momento em que retorno com o decalque que fiz em papel vegetal para fazer a transferência do desenho com papel carbono. A quinta e última etapa é o ato de (des)cobrir. Com o auxílio das goivas, eu vou abrindo o desenho como na técnica de xilogravura, em razão de que, com a tinta seca por pouco tempo, as camadas de tinta saem com facilidade e sem muitos arranhões na fotografia, preservando melhor o autorretrato. (Figura 4) O resultado visual que se tem são os autorretratos sendo (des)cobertos entre os vazios que contornam as figuras do século XIX, as quais utilizo como referência visual nessas obras. Essa visualidade dialoga com as questões internas em se compreender diante do passado, das suas origens e dos processos não lineares que permeiam os autoconhecimentos.



Figura 3 Processo de desenvolvimento da série Ver(se) através, entalhe da tinta. Thais Oliveira, 2021.

Poeticamente, essa parte do processo também constrói uma relação de mutualidade, em que tanto a imagem como os meus “eus”, mulher, pessoa negra e artista estão sendo elaborados junto ao processo das obras. A medida que a imagem vai se constituindo, também estou sendo constituída através desse processo de construção e de proximidade visual e manual com as imagens. Por meio desse processo manual, trabalho tanto a visualidade de pessoas afro-brasileiras que existiram no passado e que me despertam curiosidades sobre suas individualidades quanto a minha própria imagem, traçando as mesmas relações de análises, percepções de semelhanças e diferenças sobre aquelas pessoas que subjetivamente perpassam minha existência. Através dessas relações de justaposição, relaciono uma visualidade que pertence ao passado e carrega diversas inquietações, além de uma grande carga histórica, pois há uma visualidade que pertence ao presente e que carrega as construções sociais que atravessam os diferentes tempos. Nesses autorretratos, busco trazer a minha imagem por meio de fotografias que mesclam uma certa nebulosidade, uma escuridão que vela em certo ponto a minha figura, conceitualizando as questões que envolvem os processos de imersão em questões pessoais, assim como os desconfortos de trabalhar com a própria imagem.

A justaposição das imagens, em que a minha fotografia surge ao fundo, aponta para os processos de autoavaliação e de autodeterminação. Termos esses que vão de encontro ao pensamento da feminista negra e socióloga norte-americana Patricia Hill Collins (2016), uma vez que seguem na mesma direção que a pesquisa e buscam propor uma abordagem autônoma que retome relações e reconfigure a realidade de mulheres negras que têm suas existências rodeadas por estereótipos e visões distorcidas vindo de olhares externos. Os conceitos de Collins (2016) não apontam para validações ou reconfigurações externas vindas de terceiros, mas sim uma movimentação interna a respeito das mulheres negras, enfatizando que o simples fato de elas tomarem consciência de suas potencialidades já é algo estruturalmente significativo.

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos. (COLLINS, 2016, p. 104).

Em minha experiência, as autodefinições, como ato de resistência, atuam na apropriação do conhecimento e de narrativas que me contemplam, assim como na construção de uma poética de cunho pessoal que se propõe a contemplar outras vivências, não somente a minha, mas na intenção de despertar aproximações a outras pessoas, em especial mulheres negras. Ao me autodefinir, entendo-me como capaz de criar e de trazer para outras pessoas questões que me faltaram em grande parte da minha vida. Nesse sentido, não só contemplo a mim, mas busco que minhas produções sejam potentes para outras pessoas negras. As autodefinições e a autodeterminação, assim como mencionado, atuam confrontando os estereótipos, estimulam as subjetividades das pessoas negras, fazendo com que entendamos que somos múltiplos e diversos, principalmente em relação a nós mesmos como grupo.

E é nessa direção que minha poética caminha, alinhada à autonomia e às autopercepções. Minha pesquisa, como uma poética que aborda aspectos pessoais, está aberta a deslocamentos que formam uma relação de troca mútua entre artista e obra. Neste caso, essas relações de autoavaliações e de autodefinição são desenvolvidas tanto na prática como na teoria, sendo um desafio contemplar um processo tão subjetivo como os que envolvem uma poética artística.

Aproximações e confrontos, dispositivos e subjetividades

As obras que compõem a exposição “Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras” consistem em um desdobramento de obras anteriores a elas. Com o contexto pandêmico de 2020, as produções em artes visuais tiveram um impacto em relação às suas percepções e inserções no meio, devido ao distanciamento social. Sendo assim, foi necessário buscar estratégias que contemplassem as pesquisas em artes visuais com o contexto daquele momento. A primeira versão das obras que discorro neste subcapítulo, tem o espelho como suporte, tendo o reflexo como um dos elementos principais, pois carrega a intencionalidade central a aproximação. Junto do reflexo do espelho as obras carregam, tanto na primeira versão quanto na versão destacada aqui, o conceito de (des)cobrir onde aplica-se tinta sobre o suporte, na versão física e retira-se a tinta com o auxílio de goivas. Na versão virtual, apresentadas da exposição *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras*, foi necessário um processo de edição digital, onde inicialmente as fotografei, posteriormente, tive de recorta-las e por fim aplicar uma transparência em programas de edição de fotos para possibilitar a interação com a câmera. Nesse caso, as figuras desenhadas ficaram sem fundo, possibilitando sobrepor a outras imagens tendo a possibilidade de ver essa camada de tras por entre as imagens, uma sobreposição. (Figura 5)



Figura 4 Imagens que compõem as obras da série *Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras*. Thais Oliveira, 2020.

Trago as obras para o meio virtual em forma de imagens e não mais como objetos, com as imagens interligando-as às câmeras de dispositivos, sejam eles celulares, computadores, etc. Dessa maneira, no contexto de 2020 foi possível permitir o acesso às pessoas e em segurança, à exposição e assim produzir a intensionalidade das obras. O que proponho com essas obras, além da aproximação ou através dos desdobramentos de aproximação — que é possível através das obras, é também evocar um confronto entre visualidades.

Essa relação com o confronto vem junto a ideia de confrontar a si, algo que parte da minha experiência como mulher negra de investigar-me visualmente frente ao espelho, através de fotografias ou mesmo frente à câmera do celular, no intuito de perceber e encontrar semelhanças e diferenças a outras pessoas negras. Nessa análise, é possível compreender em que me aproximo visualmente de outras pessoas negras que conheço ou que já vi; quais traços compartilhamos e quais características nos diferenciam. Nas obras, essas comparações e análises referem-se aos indivíduos que estão figurados e (des)cobertos, através dos vazios que são preenchidos pela interferência do dispositivo. Os indivíduos presentes nas obras que utilizo como referências para a produção, são pessoas negras que foram retratadas em uma série de fotografias no século XIX de autoria do fotógrafo alemão Alberto Henschel e que visto a época imprimem forte teor etnográfico. Com essas fotografias que integram a série de Henschel nos deparamos com uma escassez de informações sobre os retratados. Não há nome, idade ou qualquer outra informação pessoal, apenas ano e local, em algumas fotos há uma descrição da função desempenhada pelo retratado ou termos fortemente racistas que apontam características físicas. Apesar desses pontos negativos, desde o momento em que vi essas imagens elas sempre me despertaram curiosidade, principalmente devido a postura e maneira como essas pessoas estão retratadas, não são fotografias que expressam sofrimento ou violência. Em 26 anos de vida eu ainda não tinha me deparado com imagens de pessoas negras dessa época colonial de maneira mais humanizada, eram sempre imagens fortemente violentas.

Nas obras em que utilizo essas imagens como referências, busco propor uma aproximação, tal proximidade que me faltou ao longo de minha vida a referenciais afro-brasileiros e relativos a

história e cultura. Essa aproximação é evocada através da conexão de dispositivos, cameras de celular, web cam e outros. Após digitalizar das imagens e o processo criação de transparência, que já foi mencionada a cima, foi desenvolvida a programação para que os dispositivos fotograficos ficassem ao fundo das imagens, criando uma sobreposição, através do desenvolvimento em programação de um site onde as imagens ficam hospedadas. Ao acessar o site, o interator tem a opção de permitir que as obras se conectem à câmera de seu celular ou computador para que, assim, seja possível ver-se através das obras. A intencionalidade é que haja uma interação entre obra e público, que cada um se insira no outro, mesclando-se. (Figura 6)



Figura 5 Prinstscreen obras com interação da câmera, série Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras. Thais Oliveira, 2020.

Dessa maneira, torna-se possível retornar ao presente, por intermédio de subjetividades das pessoas que estão retratadas e que existiram no passado, e propor uma aproximação entre esses indivíduos que estão separados por épocas distintas. Abordar essas figuras que constituíram a cultura afro-brasileira em um tempo diferente do que vivemos, faz com que tomemos consciência de que elas ainda dialogam com a atualidade, infelizmente parte de suas lutas ainda permanecem presentes na sociedade, mas não somente, conquistas, semelhanças ancestralidade são aspectos que também se fazem presentes ao nos relacionarmos com essas imagens. A falta de informação sobre essas pessoas é um dos elementos que expõe a realidade a qual viviam, pesquisar sobre elas, mesmo que visualmente, faz com que, apesar dos empecilhos, elas ainda tenham algo a dizer.

O uso dos dispositivos atribui à pesquisa a criação de subjetividades aos processos e à interação com as obras. Agamben (2005) ressalta que os processos que os dispositivos desenvolvem têm o caráter de moldar e ordenar as relações e as vidas desses sujeitos. Sendo assim, a medida em que proponho esses moldes, por meio dos dispositivos, também sou moldada simultaneamente, o que aponta para o caráter íntimo que a poética tem, partindo de questões pessoais e indo ao encontro de relações socioculturais.

A utilização de dispositivos é algo presente tanto em minhas produções já mencionadas como nas

fotografias que uso como referenciais, entretanto, ambas estão separadas por um longo período entre suas criações, assim como as motivações que as rodeiam. Nas imagens do século XIX, a fotografia apresenta-se pelo olhar colonizado do fotógrafo, um olhar que busca catalogar, investigar, captar as diferenças e explorar as visualidades daquelas pessoas como algo fora da norma, tratando as diferenças como particularidades exóticas. A fotografia, nesse contexto, desenvolve a função de tratar a diferença como uma condição inferior, primitiva e distante. Já, nas obras da série que apresento neste subcapítulo, o dispositivo é usado em um sentido em que seja possível captar tanto a diferença como a semelhança, porém muito mais a semelhança aos traços e às feições que compartilhamos em certo nível de similaridade e que nos une, apesar do tempo.

Sobre a utilização de dispositivos, Agamben (2005, p. 14) ressalta que “a estratégia que devemos adotar no nosso corpo a corpo com os dispositivos não podem ser simples, já que trata de libertar o que foi capturado e separado por meio de dispositivos e restituí-los a um uso comum”. Contudo, esse uso comum não seria o ideal, mas sim a profanação, termo que o autor se apropria da religião romana para conceituar o uso lúdico e subversivo dos dispositivos. O ato de profanar os dispositivos possibilita que os indivíduos não mais sejam configurados de maneira preestabelecida, abrindo oportunidades de se criar maneiras de usar os mesmos. O uso lúdico dos dispositivos está correlacionado à profanação, ao propor esse tipo de abordagem estamos profanando e, ao profanar, estamos criando uma abertura para possibilidades lúdicas de uso. “O lúdico vive na regra, mas não se submete totalmente a ela, pois sempre é possível fazer dela um revolucionário uso novo” (Baptista, 2015, p. 20). Ao propor em minhas obras, que o observador confronte e correlacione-se com as obras, promovendo uma aproximação que se difere do olhar distante e de exploração que as fotografias referenciais imprimem, busco a humanização daquelas pessoas, ressignificando o olhar sobre elas e discorrendo sobre suas existências. Através de uma interação com quem as confronta, a obra possibilita que haja um questionamento sobre aquelas pessoas, e, principalmente, a mudança no sentido colonizado que elas carregam de sua autoria original para um olhar que busca se unir junto a elas com a justaposição visual através do efeito da câmera.

A interação é um elemento-chave para a proposição das obras, pois as complementa, dando sentido, criando subjetividades através de um uso lúdico que torna possível a experiência única para cada pessoa com contato com as obras, assim como nos registros anteriores que apresentam diferentes composições entre quem observa e os contornos das obras:

Diferentemente do dispositivo que gera a subjetividade para seu próprio uso, a lúdica forma a subjetividade em sintonia com as partes envolvidas, o que permite um uso que não se limita ao utilitarismo. Um uso que se confunde com o próprio modo de ser da obra de arte, que gera a partir desse ponto uma constante interação entre as partes, interação que se revalida a cada novo jogo, a cada nova inserção, a cada novo olhar, a cada reinterpretação. (BAPTISTA, 2015, p. 20).

A interação, como elemento nessas obras, expõe a maneira como a poética é evocada em mim, a maneira como a pesquisa constitui-se em mim como artista e pessoa num processo constante de criação de subjetividades, de troca e de conexão entre as partes.

(Des)cobrir-me

A cor preta sempre foi parte importante para a construção visual dos meus trabalhos artísticos, justamente por neles retratar pessoas negras e explorar a visualidade e expressão da cor sobre a pele preta. Essa potencialidade da cor em minhas produções possibilitou a mim ressignificar o modo como, socialmente, a visão da pele retinta é constituída sob um olhar que constantemente reforça um juízo inferiorizante e negativo. Assim, esse contato com a cor fez-me construir uma visão positiva e, a partir desse processo artístico sobre a pele negra, enxergar a beleza na diversidade de tons incluindo o meu.

Com o desenvolvimento do livro de artista (Des)cobrir-me (Figura 7), crio o conceito, de mesmo nome, que amarra minha poética artística ao uso da cor preta como herança da utilização da cor na gravura, principalmente na xilogravura e na gravura em metal. Ao cobrir os meus autorretratos com tinta, construo uma superfície em camadas. Essas camadas de tinta que cobrem por completo as imagens presentes nos autorretratos conceitualmente desenvolvem a ideia de ocultamento.

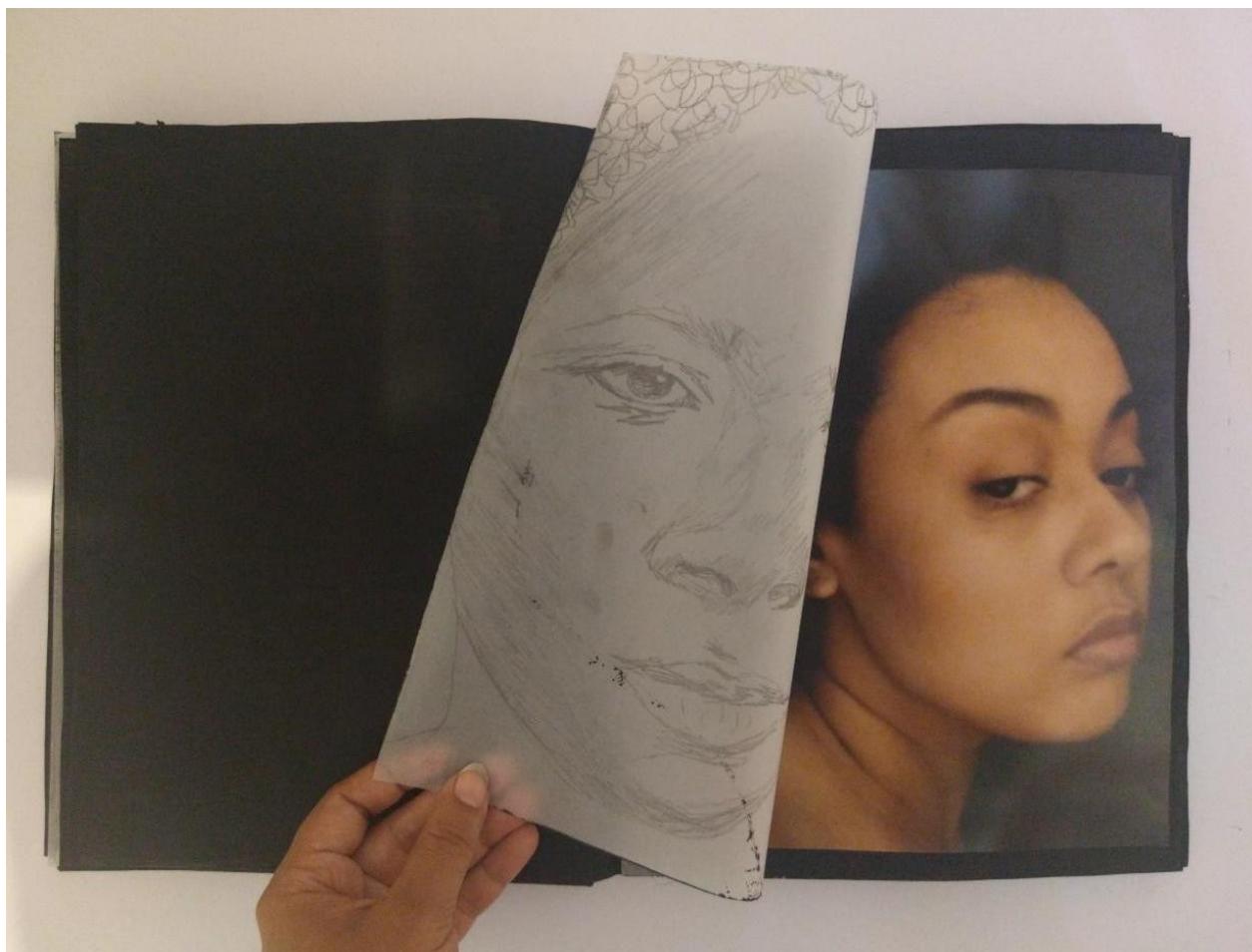


Figura 6 Thais Oliveira "(Des)cobrir", livro de artista, 2021.

O ato de cobrir a si expõe as camadas que cobrem as minhas subjetividades, alguns traços da minha personalidade e buscam enquadrar a minha pluralidade primeiramente como indivíduo e como pessoa negra. O primeiro ponto que abordo nas camadas que me cobrem é o de sentir uma pressão ou direcionamento frequentemente sobre como ser uma pessoa negra. Acabei, em certo momento, absorvendo e exercendo essa pressão a mim mesma e alimentando reflexões e questionamentos profundos, até confusos, sobre como seria o ser e agir ideal enquanto pessoa negra.

Sem dúvidas, o desenvolvimento da minha poética colaborou para o início de libertação desses pensamentos que são reforçados, justamente, por um grande distanciamento da cultura afro-brasileira e ao contato com pessoas negras. A partir dessa pressão sobre como deveria ser enquanto pessoa negra, que se manifestou com mais ênfase em dado momento em que tive mais contato com pessoas negras no cotidiano, fazia visualmente algumas análises a partir de meu rosto, cabelo e demais traços com os de outras pessoas negras que avistava. Essas análises físicas exploravam mais a ideia de representatividade, ou da falta dela, pois buscava analisar com quem e em que nível me parecia a essas. Tal comportamento apresentava a noção de não se entender de forma satisfatória, visualmente, de tentar buscar referências para si mesma. As análises não se desdobram apenas no âmbito visual, mas também comportamental, o que, no momento, é o que mais se destaca. Essa pressão atualmente se desenvolve nas inseguranças em relação às escolhas que faço dentro de minha poética e em como me entendendo e sou vista como artista. Questiono-me, é possível desenvolver um trabalho artístico sendo uma pessoa negra e não se sentir pressionada de alguma forma em abordar temáticas étnico-

raciais? E, além disso, é permitido abordar essa temática sem sentir a pressão de seguir um caminho baseado na dor e em expor feridas? Feridas essas que, muitas vezes, são externamente determinadas, como se, mesmo antes de serem apontadas por quem supostamente sente-las, já existissem no julgamento externo. Opto por declarar que minha poética se trata de uma narrativa de minhas próprias subjetividades, nesse sentido dialógico que vejo minha pesquisa tomando corpo. Através de um diálogo comigo mesma, primeiramente, e, logo após, com minhas vivências que afetam diretamente a maneira que vejo a mim e o mundo. Outro motivo pelo qual faço a escolha de narrativa, não menos importante, é pela potência de narrar e trazer para o externo questões íntimas, abordagens e vivências inviabilizadas e, até mesmo, silenciadas.

O segundo ponto inserido no conceito de (des)cobrimento é o de ocultamento. Ao cobrir-me exponho um apagamento de mim, de minhas subjetividades, identidades e entre elas, a de pessoa afro-brasileira. bell hooks (2019) aborda a construção do “eu” na sociedade como existe em relação a outros “eus”, uma relação de construção de si que depende de outros, em um sentido de ancestralidade. Porém, com esse ocultamento da história e o distanciamento da cultura que foi e é presente em minha vida, essa ideia de comunidade e de construção coletiva acaba não existindo.

A construção social do eu “em relação” significava, então que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marshal chama de “nossas propriedades ancestrais” nossa história. Porém, são precisamente essas vozes silenciadas, reprimidas quando dominadas. E essa voz coletiva que lutamos para recuperar. (HOOKS, 2019, p. 78).

A partir da tomada de consciência sobre o distanciamento à história, à cultura e também à visualidade afro-brasileira, (des)cobre-se minha poética. E junto desse (des)cobrimento está o desejo de encontrar esse eu “em relação” ao qual bell hooks (2019) aponta. Além disso, há a pergunta: onde me encontro nesse eu “em relação” e quem seriam esses que a minha construção se relaciona. O que posso apontar é que minha poética proporciona-me obter essa relação com a visualidade e com o conhecimento, em meio ao processo de minhas obras e poética que construo esse eu “em relação”, permitindo-me refletir, criar questionamentos e ressignificar muitos pontos.

O ocultamento que menciono aqui se refere a tudo que foi perdido culturalmente em decorrência da diáspora africana. A desumanização acerca de 4,8 milhões de africanos e africanas transportados para o Brasil e vendidos como escravos ao longo de mais de três séculos. Mencionar o ocultamento cultural da população afro-brasileira, em certo ponto, parece se tornar um assunto recorrente ou, até mesmo, trivial para aqueles que têm conhecimento do tema. Posso afirmar, mesmo sendo uma pessoa negra, que só estive por dentro da dimensão de muitos aspectos da escravidão tardiamente. Tal observação nada mais é do que resultado do próprio distanciamento que muitas pessoas têm sobre a história da população afro-brasileira.

Em minha poética, a visualidade carregou a potencialidade de ressignificar e de transformar a ausência. Em um primeiro momento, conectei-me a imagens que, mesmo propondo uma ressignificação da visualidade afro, ainda mantinha certo distanciamento, pois tratavam-se de imagens que expunham uma distância geográfica sendo fotografias de grupos étnicos do continente africano. Posteriormente, conectei-me a imagens que apresentavam uma visualidade com mais proximidade, trazendo a representação de pessoas negras brasileiras. A conexão com essas imagens, as quais utilizo como referência para a produção de minhas obras, vem não só por suas potencialidades plásticas, mas por toda a bagagem histórica e cultural presente nelas. Essas fotografias são de autoria de Alberto Henschel, fotógrafo alemão que residia no Brasil com forte influência entre a elite na época, inclusive na monarquia brasileira. A série fotográfica a qual me refiro são as intituladas “Carte de visite” ou também conhecidas como “Tipos negros” sendo datadas do século XIX. (Figura 7) Nesse período fotógrafos e demais artistas desenvolvem a função social de pesquisa etnográfica. Nessas fotografias, o que vemos, em primeiro plano é um olhar europeu sobre as pessoas retratadas, porém, ao escolher utilizar essas fotografias como referência para minha

poética, desenvolvo o potencial de agência dessas fotografias de produzir sentidos. Ao visualizar essas imagens, conecto-me a diversos questionamentos sobre aquelas pessoas enquanto indivíduos.



Figura 7 Fotografias de Alberto Henschel, "Carte de visite", circa 1860.

A falta de informação sobre os retratados nessa série é um ponto negativo a se destacar e expõe essa invisibilidade e apagamento histórico do qual venho tratando, como a falta de identificação dos nomes de quem está representado visualmente. Apesar das lacunas que existem em relação ao contexto colonizador e da falta de informações sobre os retratados, são presentes nessas imagens uma potencialidade visual que evoca aproximações muito importantes para minha poética, uma vez que

destaco as similaridades faciais que percebo no processo de construção de minhas obras. Essa parte do processo é significativa para mim, porque, subjetivamente, conecto-me a essas pessoas. Não só visualmente, mas criando uma relação de proximidade e humanizando aquelas figuras em não tratar as suas diversidades como algo exótico, mas como algo familiar. Assim, desenvolvo a ideia de descobrir-me enquanto pessoa negra e em (des)cobrir-me das camadas que me apagam, mencionadas no início deste subcapítulo. O termo (des)cobrir dentro de minha poética desenvolve o duplo significado que a palavra carrega, tanto o ato de tirar o que cobre, abrir, destampar, quanto o de encontrar o que não era conhecido, avistar, revelar.

No livro de artista (Des)cobrir (2021), cubro todas as páginas de preto de um livro de história e acrescento às páginas autorretratos com a intervenção de tinta acrílica construindo a figura das imagens do século XIX que mencionei acima. Junto dos autorretratos, em algumas páginas, é possível visualizar parte do processo de construção das obras, as análises de composição e sobreposição, os esboços dos rostos desenhados sobre papel vegetal. Nessa relação de cobrir e descobrir, envolvem-se os efeitos que a poética evoca em mim e como me sinto em relação às imagens que utilizo como referência.

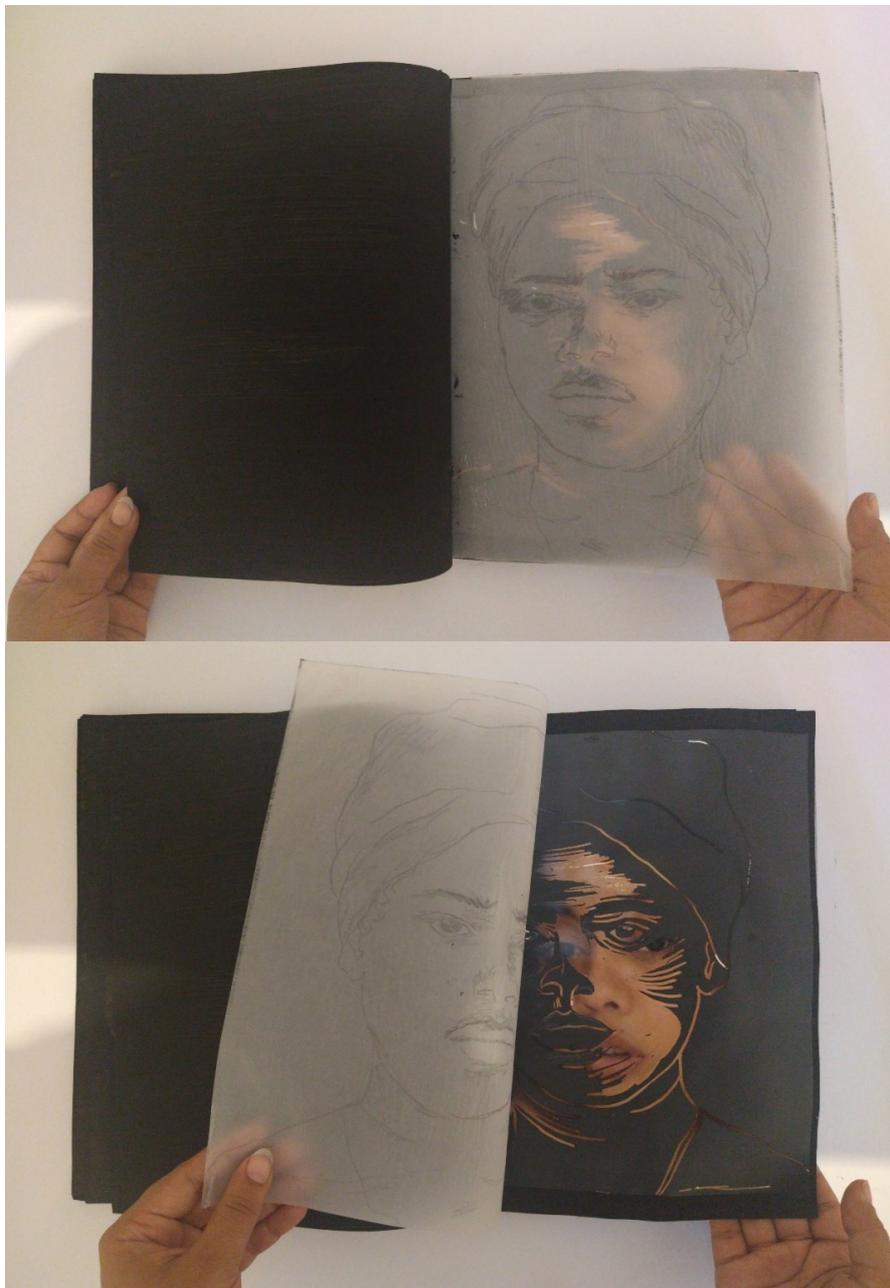


Figura 8 Thais Oliveira "(Des)cobrir", livro de artista, 2021.

Os autorretratos presentes nas obras atualmente apresentam uma construção diferente da série desenvolvida anteriormente, “Ver(se) através” de 2020 em que me apresentava nas fotos de olhos fechados e/ou as sombras sobrepunham-se em mais intensidade deixando as imagens turvas. Essas características imprimem a relação consigo mesma naquele período, apontam para um momento mais inicial, de introspecção e até mesmo maior insegurança. Já nos autorretratos das obras presentes no livro de artista (Des)cobrir (2021), o olhar confronta a câmera e o espectador. A postura, por vezes, é de firmeza sobre o que já se estabeleceu até o momento da poética, e, assim como apresentam maior nitidez em todas as imagens, apontam para uma presença mais clara sobre o que se produz e propõe.

Considerações Finais

Através desta poética, procurei apresentar as reflexões que me inquietam e que evocam em minha prática artística, partindo do objetivo de me aproximar da cultura afro-brasileira por intermédio da visualidade. Ao desenvolver uma poética que trata de questões pessoais, percebo-me muito envolvida em tudo que é direcionado na pesquisa, precisando, algumas vezes, tomar uma posição mais racional e crítica. Produzir uma narrativa a partir de suas subjetividades exige atenção e disponibilidade para as necessidades que vão se instaurando, como, por exemplo, um contexto pandêmico, que, assim como em muitas outras áreas, necessitou de mudanças e adaptações. Uma das questões que norteiam a poética é: de que modo (des)cubro-me através dos moldes que a poética evoca em mim por meio dos processos com dispositivos fotográficos e em gravura no campo expandido? O primeiro ponto que destaco é que os processos desenvolvidos na pesquisa são muito mais inquietantes do que pensava no início da pesquisa. A conexão com as imagens que trabalho como referência e o desenvolvimento de autorretratos trouxeram a consciência do quão potente a visualidade pode ser, e do quanto o contato da poética com a cultura afro-brasileira possibilita-me reflexões necessárias.

A criação do conceito de (Des)cobrir foi muito satisfatório para o complemento da poética até o momento. Perceber a importância e o lugar que a cor preta ocupa em meu processo permitiu ter mais clareza sobre os resultados do que venho desenvolvendo artisticamente e no que isso me traz subjetivamente. Outro ponto importante para uma possível conclusão é o entendimento de que, ao cobrir as obras com tinta, construo sobre elas camadas que também cobrem a mim, entendendo como os processos e os direcionamentos da pesquisa constituem-me enquanto pessoa e artista.

A partir das considerações apresentadas aqui e desenvolvidas durante os dois anos de mestrado, afirmo que minha poética se mantém aberta a novos desdobramentos e possibilidades. Destaco, neste momento, algumas probabilidades de serem desenvolvidas futuramente. A primeira é o aprofundamento em autorretratos e principalmente na intervenção digital desses, pois o desenvolvimento do livro de artista deixou em aberto algumas possibilidades em relação aos autorretratos que desenvolvi. Também é um anseio muito forte trabalhar com instalações e expandir a ideia que foi desenvolvida na exposição “Aproximações de si: visualidades afro-brasileiras” que aborda de maneira inicial a interação do público junto à obra. Nesse sentido, reforço que esta poética não se determina como encerrada com o fim do curso, mas, sim, aberta a novas possibilidades e caminhos, visando a aspectos para serem aprofundados e ainda descobertos.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos Editora Unochapecó, 2009.

- BAPTISTA, M. R. *A profanação dos dispositivos em Giorgio Agamben*. Revista Estação Literária, Londrina, v. 13, p. 10-23, 2015.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. São Paulo: Autêntica, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Tradução Juliana de Castro Galvão. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.